



Antologia do **SER**

**Antonio Ailton
de Sousa Carvalho**



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

ANTOLOGIA DO SER

Antonio Ailton de Sousa Carvalho

Fortaleza - Ceará
2017



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

Camilo Sobreira de Santana
Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho
Vice-Governadora

Antonio Idilvan de Lima Alencar
Secretário da Educação

Márcia Oliveira Cavalcante Campos
Secretária Adjunta da Educação

Rita de Cássia Tavares Colares
Secretária Executiva da Educação

Danielle Taumaturgo
Assessoria Institucional

Julianna da Silva Sampaio
Assessoria de Comunicação - ASCOM

Rogers Vasconcelos Mendes
Coordenador da CODEA/Gestão Escolar

Iane Terceiro Nobre
Orientadora da Célula de Currículo e Formação

Elane Maria Feijó Borges
Orientadora da Célula de Desenvolvimento do Currículo e da Aprendizagem

Paulo Venício Braga de Paula
Centro de Documentação e Informações Educacionais

Coordenação

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Cordenadoria de Desenvolvimento da Escola/ Gestão Pedagógica

Conselho Editorial

Prof. Adriano Silva Lima
Dr. Antônio Roberto Barreto Melo
Prof. Alexandre Leite
Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira
Prof. Cintia Kelly Barroso Oliveira
Prof. Daniel Vasconcelos Rocha
Profa. Ely Almeida
Profa. Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Prof. Felipe Fontenele Oliveira
Prof. Genivaldo Macário Castro
Profa. Gleissiane Ferreira
Profa. Hylo Leal Pereira
Profa. Iane Terceiro Nobre
Prof. Ilde Guedes da Silva
Prof. Jenilson Sousa Nogueira
Prof. Jeimes Mazza
Prof. José Evangelista de Carvalho Moreira
Profa. Liduina Maria de Paula Medeiros
Prof. Marcus R. Vale
Prof. Rickardo Leo Ramos Gomes
Prof. Rosendo Amorim de Freitas
Prof. Pedro Jorge Caldas Magalhães
Profa. Paula de Carvalho Ferreira
Prof. Paulo Venício Braga de Paula
Profa. Sandra Ma Silva Leite Reis
Profa. Tereza Cristina de Freitas Oliveira
Profa. Antonia Varele Gama Silva

Edição

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Gestão Pedagógica

Prof. Paulo Venício Braga de Paula

Revisão

Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira
Profa. Erika Nogueira Brandenburg
Prof. Jenilson Sousa Nogueira
Profa. Liduina Maria de Paula Medeiros
Profa. Paula de Carvalho Ferreira
Prof. Rosendo Amorim de Freitas

Este trabalho contou com o apoio da Seara da Ciência
Universidade Federal do Ceará/UFC



Produção da Revista
ASCOM - Assessoria de Comunicação

Projeto Gráfico
Gráfica Digital da SEDUC

Diagramação e Arte-Final
Gráfica Digital da SEDUC

Arte da Capa
Alain RM

Normalização Bibliográfica
Elizabete de Oliveira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C387c Ceará. Secretaria da Educação.
Antologia do ser / Secretaria da Educação; Antonio Ailton de Sousa Carvalho. - Fortaleza: SEDUC, 2017
81 p.

ISBN: 978-85-8171-159-1

1. Poesia Brasileira. I. Carvalho, Antonio Ailton de Sousa
II. Título.

CDD 869.1

www.seduc.ce.gov.br



www.facebook.com/EducaoCeara

À Maria da Conceição de Andrade Sampaio

Apresentação

PUBLICAÇÃO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar o professor. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008 foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação continuada por pares. O amadurecimento dessa ação, que aposta no protagonismo docente, gerou desdobramentos substanciais dentre os quais destaca-se a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários selecionados para publicação passam por um processo público de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do estado do Ceará (Seduc), em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer, tendo como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar pública suas produções com seus pares.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado) ou Literária (Romance; Poema; Cordel; Novela; Crônica ou Conto). São produções de professores(as) da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autor(es) ou coautor(es) da(s) obra(s). O Conselho Editorial, ao selecionar as produções acadêmicas considerou: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias, observou-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos em língua portuguesa em consonância com os Direitos Humanos.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará mais uma vez faz História. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

Da genealogia do tédio

O desacordar do tédio é o nascimento da consciência? A observação do meio e do estado de adormecimento é o efeito para o início da consciência e a reinvenção do mundo pelo homem. A criação de si e de tudo. A reinvenção do ambiente põe fim à construção apenas da natureza para se complementar pela construção do homem. Esse é o princípio da consciência (ex)terna. Uma sobrevivência de si mesmo precisa perpassar pelo campo da reinvenção para permitir da natureza continuidade. O *a priori* disto e o *a posteori* marcam o homem interno pelo estado de desinteresse, apatia, insalubridade emocional, total niilismo, desencanto...pranto.

Dezembro de 2014

MITOS Versus RITOS

I

Parti de mim todo Sentimento Humano.
Parti Alegria e proporcional em Medo,
Que me encaram qualquer dum enredo.
Dessa dialética trama vivida ano a ano,
Vem-me a vida usar como não fosse cedo
Para me afrontar com tamanho segredo.

Parte de mim nem queria está no plano
Dessa natureza mesmo que cosmopolita,
A se ver na inescapável disputa invicta.
Da soberania sem que de nenhum dano
Vem da aparente quando vejo conquista
Uma dolorosa realidade nunca bendita.

Parte de mim em parte por que se parte?
Parte de mim, expulsa a incapaz da pele,
Vai para se ser somente de alguma prele.
Força intensa para a natureza-estandarte
Deixará da Alegria ou do Medo se repele
Parte que totalmente nunca que se expele.

Tranqueira, 05/05/09.

II

Vinte e três subtraídos a onze!
Cume final do semestre - Um!
Primeira década secular- Una!
Dia dos namorados, dia bronze!
Véspera de Santo bom nenhum
Com céu pontilhado na tribuna!

Dez e dez! Brasas da fogueira
Desprezam cinza e escuridão!
Demonstram por as moradas!
Friagem! Da minha biqueira,
Dez e dez, vejo da imensidão
Com que vão transformadas!

Tranquilidade. E inconfidência.
Se hoje, sonolentos e cansados,
Sonham seus sonhos distantes!
Dezesseis de sobre a anorexia.
Dezesseis na cifose dos fados!
Eco: VAZIO, VAZIO. E antes?

Tranqueira, 12/06/09.

III

Tantas mãos a vela
Livre branca reunia.
Seria duma alegria?
Seria então de vê-la
E nada ainda sabia
A me ocupar do dia?

Da Fé se caberia:
Mãe me suspendia.
Padre, Madrinha,
Padrinho, Pai. Dia

Pela mão se ungia
A repetir ladainha.

Uma vela se acendia,
Tornando-me cristão,
Pilar da companhia.
Quanta mão se pedia,
Livre branca missão?
Seria duma alegria?

Tranqueira, 09/08/09.

IV

Falta na família,
De uma menina.
São os três filhos.
Rosto de vigília?
Alegria na retina
E de pelos cílios.

Riso patriarcal!
De mãos dadas,
Ao primogênito.
Como que final
De mui escadas
Alça do infinito.

O caçula d'então,
Como que choro
Só imortalizaria.
Papoulas, irmão!
Que dum tesouro
Não são mais dia.

Tranqueira, 09/08/09.

V

Mãe o que se encontram
Atrás de ti?(Que carga!)
São tuas acerolas? Pés?
Como sorriso seu se vão!
De tão cativo me afaga
O que não bem me vê!

O que está no teu irmã?
Zôí o que tens a recostar
De nossa mãe presente?
Eu deitado no meu divã
Sempre terei de analisar
Do passo e do ambiente.

Irmã o que me encontras
Com este olhar perdido?
Serão lágrimas vertidas?
Se saberá quantas ondas
A vida me tem submetido,
Visões preverá divertidas!

Tranqueira, 09/08/09.

VI

Sobre as gramas
Da praça matriz
Disputa a verdura.
De ali os dramas
Serão de geratriz
Para sua procura?

Cintura comunhal,
Gravata borboleta,
No rosto a criança.
Como do vendaval,

No eixo da etiqueta,
Inda tenta aliança?!

Com a praça, centro
Real tátil, de criança:
Casa, coreto ou teto.
Mangueiras adentro
Que do cio da dança
Pode de se ser ereto?

Tranqueira, 09/08/09.

VII

Três meios de uma carne fria,
Cinco terços de força à vida,
Oito quintos de Bons Dentes,
Treze oitavos de melancolia,
Vinte e um treze avos suicida,
Estou perdido entre parentes.

Vinte e um treze avos de esmo,
Treze oitavos de fé e ceticismo,
Oito quintos de muita dúvida,
Cinco terços de ideia espasmo,
Três meios de repetido lirismo,
Discrepância apartável à vida.

Três meios dum mandamento,
Cinco terços de só conceitos,
Oito quintos de as desilusões,
Treze oitavos de fundamento,
Vinte e um treze avos desfeitos,
Nas minhas religadas regiões.

Tranqueira, 23/09/09.

VIII

Retiraram-me a fome,
A sede, meu uniforme,
O ar e o desconforme.
O sangue que se some
Das carnes conforme
Da retina não dorme.

Retiraram-me o sono,
A vontade de se sorrir
A paz e muita energia.
Em total do abandono
Pedem-me prosseguir
A compor de alegoria.

E tiraram das tarefas,
De a mim tudo entreter
No tempo e na divisão.
As interrogações ceifas
Fizeram de eu debater
Com a minha extinção.

Tranqueira, 28/09/09.

IX

Tão fraco, fraco.
Ecoa em mim.
Fraco, tão opaco.
Ecoa ético sim.

Eu tão fraco, tão opaco.
Escrito sai de mim.
Sou tão fraco, todo caco.
Reflexo de mim.

Pé tão fraco, todo caco.
Sangra meu fim.
Tão de fraco, vejo opaco
O sangue de mim.

Tranqueira, 23/10/09.

X

Do alto,
Sentado só, sobre a janela, já balança
os pés olhando o céu que bem lança,
as perguntas que do silêncio-vértebra,
ao encontrar o vento em cacos quebra.

Caem no chão. O dia e a noite, se sem
se saberem, ocultam ou os escondem,
mas que externos agora mal somem,
e nutrem o solo pra outra espécimen.
Incauto?

Tranqueira, 24/10/09.

XI

Não sei como concebi o triste.
Habita-me sem que eu o deixe
Penetrar-me a carne totalmente.
O que o caracteriza e o resiste,
A me ocupar sem que se queixe
Do insistir em tirá-lo da mente?

O triste me habita do tempo todo
A carne que se nutre da Tristeza
E que ao mundo o se coloca só.
Antes de se gerar o grão-gordo
Não buscou da Dona Natureza
E recolheu algum resto de pó?

Foi feito só dessa minha carne
Antes e de vez à luz se me fosse
Que completamente instalada.
Agora é dele assim que já tarde
Sofro com o amargor mui doce
De ter gerado acima do Ser Nada.

Tranqueira, 21/12/13.

XII

O que vale? E o valerá? Se me vale
A pena o que não sei? Nosso futuro
Está só preso. Não saberia em quem?
O que o motiva? E se a medida jaule
Pode com esse nosso espesso escuro?
Cabe sinais às perguntas por alguém?

Viver de sensações é de certo perigoso.
Qualquer emoção me invade completo
E me põe a gosto do tempo e dum final.
Tudo amanhã poderá ser já só o fosso.
E eu possa ser, com a sorte, algum teto
Que escape doutro esperado temporal.

Aprendemos. Mas o estado me persiste
E vivo perigosamente dele. As emoções
Aqui dentro vivem. Analiso-as em todas.
Sei que não vale viver delas, porém triste,
Talvez sempre, minhas fracas e vãs ações
Não se desprenderão, cômico, das nodas.

Tranqueira, 21/12/13.

XIII

Descansa cansaço, cansado eterno!
Tédio eterno que deita sobre mim!

Consciência e meio médio do local!
Sai-me tédio, acabou-se o são terno
E o corpo morto, com o gélido fim
Pra deitar a minha obsessão focal...

O tédio é um estado talvez já aberto,
Uma ponte que liga rivais extremos
Que permita continuar por mui vivo.
O externo muito bem do interno perto
É a aliança, vinda do tédio, que temos
Quando um acorda o outro num uivo.

Descansa cansaço cansado interno!
O tédio é um estado talvez já aberto
Esperando comemora o grande funeral.
Sai-me tédio já acabou meu ser eterno
Do externo um vendaval sempre é certo
Atenta pelo que vem ser o último sinal...

Tranqueira, 02/01/14.

XIV

Abre-se no seu vigor o inverno todo ano
E um estado me absorve completamente
Atingindo a dor e a tristeza como o ápice.
Quando as chuvas banham inteiro o plano
É em mim que se opera, na sensível mente,
O desastre que sinto consome da oca face.

O que a face mostra é um disfarce insano
A procura de uma imagem menos doente,
Uma máscara que não caísse, que ficasse.
A mesma rotina regrada, mas com o dano
Parece-me cada vez mais, eu sei, consciente
Por isso forte, de que anualmente renasce.

O frio é a força que me invade e o engano
Com o passado que esconde meu presente.
O frio é a liga que os ata, como desatasse.
Sinto falta dum cobertor humano, o pano
Que nunca protegeu a minha atenta lente
Desde criança que nunca deixa de olhar-se.

Tranqueira, 06/01/14.

XV

Durmo à Cidade de Pedra.
Desde cedo estou absorvido
Por férreo vale de estatuas.
Familiarizado pela cátedra,
Onde o corpo fixo perdido,
Resta por ver figuras nuas.

De que me vale consciência
Se estátuas em eterno sono
Vivem sem qualquer ação?
Vejo que trazem a essência
Num já completo abandono
Sem palpitação no coração.

Quando acordo, os pássaros,
Ouço-os em alegres gorjeios
A passear por entre as poses.
Nenhuma arma de bárbaros
É capaz de me fluir dos seios
O grito que vem das Luzes...

Tranqueira, 08/02/14.

XVI

Olho dum horizonte. Sou de estátua
Fixa na Cidade de Pedra cá quieta.

A mente é que de tudo cerca difusa.
A fronte enxerga por sempre da Lua.
Facilmente a atravesso como repleta
Sem a liberdade e o poder de Musa.

O medo invade minha consciência.
Transpõe a tranquilidade em morte
Gota a gota, na clepsidra das horas.
Impõe-no que minha nua existência
Busque um fim rápido, o frio corte,
No fio tecido pelas senhoras moiras.

A vida consciente não suporta a dor
Nos fracos raios da mente que tenta
Conhecer tudo desconhecido e vivo.
Vejo! Nada tem no universo o sabor
Que o sonho aos poucos se alimenta
E termino por saber apenas do uivo.

Tranqueira, 09/02/14.

XVII

Estou farto. Não me poderia
Viver mais em outra sã vida.
Saciando. Nem espero mais.
Já me alcancei. Nalgum dia
Posso terminar-me essa ida
Comigo mesmo por em paz.

Tudo repetido só me cansa.
Reviver de emoções eternas
É reconhecer da morte cedo.
Ver-me os atos em mudança
Cansou-me das retas pernas
E me fez ver dum brinquedo.

A Felicidade está cá à porta,
Mas também ela é um novelo
Que desatei e me ora enrola.
Nem vale tê-la, que me corta,
Eterna o nosso pequeno zelo,
De atestar pegar uma Pistola.

Tranqueira, 26/06/14.

XVIII

Mais da ação pela análise!
(Hoje eu quero ser de pedra.
Não me mover e nem sentir.)
Somente a teia de sinapse
De me levantar da cátedra
Há de me fazer prosseguir...

De menos vida, assim seja,
Para mais da racionalidade
E da escolha, bem sei seca!
Não quero que a moira mexa
Na minha exposta integridade
No salão de uma pinacoteca.

Que eu bem não possa tanto
Mover-me se a Consciência
Já se vai escapando rasteira.
Caia-me por inteiro o manto
De cimento e minha existência
Vá se convertendo em pedreira.

Tranqueira, 04/07/14.

XIX

Como nunca (não poderia) cheguei,
Em ver sobre a cor, o pincel da dor?

(Sempre fui menino d'olhos abertos)
Que espectros a tamanho que alcei?
De nunca alcançar o estado indolor...
Ontem era criança, hoje de os restos.

Plana sob a vida deita a Felicidade.
Não sabe de ocupar muito o humano
E se extrai do corpo, que a alcança.
Ondulante sobre a vida levanta tarde
Se é que não levanta é dum engano
O que o homem supõe como pujança.

Ainda assim que saia sempre torna
E entra sem muito do alarde quieta
A ocupar algum espaço que abstrata.
Pois Felicidade é mesmo de morna
A alimentar como numa certa dieta
O que o homem pensa se for grata.

Tranqueira, 11/08/14.

XX
Há de haver algum descanso,
Que merecemos.
Um dia ele nos se apresenta.
Talvez nem haja um balanço
Que não sermos
Dos bons com a vida atenta.

De tanto vim a permanecer
Que morreremos.
Alcançar plena inexistência.
Talvez nem haja que se ver
Que passaremos
A outro gás de consistência.

Por agora somos soberbos
Que deleitemos
A inquieta da Consciência.
Há de se ser como bêbados
Que acataremos
Sem alguma vã persistência.

Tranqueira, 16/08/14.

RESISTIR

I

De ser, não ser,
É, vejo, ao certo
Da trilha de ver
O vulto esperto.

Não somos a ser
Mais que aberto
Variações de ter
O peito já perto.

Não somos. E ser,
Não ser, acoberto
O fugaz de se ter,
A fim descoberto.

Tranqueira, 17/02/15.

II

De carne ao frio,
Deixar do corpo
Mais paralisado.
Corre feito o rio,
Dos atos ao topo

Pensar o Estado.

De fim o desvio,
Por minha n-upla
Algum ato dado.
Corte para o fio,
Da moira dupla
Foi-se terminado.

De vez é arredio,
O ato num sopro
Termina parado.
Ter manto do frio,
Descobre o corpo
De fraco por fado.

Tranqueira, 18/02/15.

III

Ter é estado fora
Do plano inexato
Da continuidade.
De completo ora,
De falho pelo ato
Ora da infinidade.

Ser é para aurora
De algum dia tato
Mais da equidade.
Por ainda demora
De ter pelo palato
A fria veracidade.

Deter a ser aflora
Inexistir por inato
A face identidade.

Ter, não ser, cora,
Mas como retrato
É por posteridade.

Tranqueira, 19/02/15.

IV

A noite é da dor.
(Ora por reflexão)
Seja pela sua cor
Vivo-a na inação.

Quando eu a for
(Completo o pão)
E estado a favor
Acabará ao chão.

(A carne ao sabor
(De sentir a visão)
De no frio o calor
De uma fundição.)

No fim hei de por
(Cada vez pelo não)
Já no ato o clamor
Terminado à ação.

No estado da dor
(Fora à encenação)
Há de sair o palor
Da face pela mão.

Tranqueira, 12/03/15.

V

Como o frio me empresta
O estado de que a tristeza
Permite-me ser figuração.
Centra, e só de mim resta,
Existência, a que se preza,
Viver ante da observação.

Durante o inverno alterno
Pouco e permaneço certo,
Preso a meu inconsciente.
Desse mundo que externo
Para o meio de mim perto
Busco equilibrar a mente.

Como ao estado a estação
Bem se desfaz e ao ser cai
Outra permanência à vida.
O ciclo de minha insolação,
Da minha constatação pai,
É por minha sina repetida.

Tranqueira, 23/11/14.

VII

Há algo de que me assalta
A permanente observação
E me põe eterno translado.
Sempre se o meio me falta
Já o está teso à imaginação
E eu cético a vê-lo do lado.

Que tempo passado o vejo
Vivo e eu ferido da inação
Percebendo forças mútuas.
Amanhã talvez só o desejo

Poderá tentar minha razão
Se eu não mais vir às ruas.

Escuras as ruas, eu mereço
Da razão pelo desejo de ir
Ocupar de lá nenhum meio,
Hei mesmo de ter ao berço
O meu corpo e dele confluir
Cá da observação devaneio.

Tranqueira, 23/11/14.

VII

Quer o pensamento formar
O conceito e com a reflexão
Permiti-lo ser a Consciência.
Cada sinapse desliga o mar
Individual interno pela mão
Que transmutar a existência?

O homem ao se transformar
Em conceito e frio em razão
Quer o meio na Obediência.
Não se cuida que ao seu lar
A diversidade é feita ao pão
Do que o seja da Onisciência?

O meio que o quer deformar
Ele forma na desorganização
Da diversidade à veemência.
O que resta é se uma circular
Queda pela inconscientização
Se mostrar como Onipotência?

Tranqueira, 27/11/14.

VIII

Formar-me de um conceito,
De algo porque me ressalta
A redução que laço o Nada?
Poderá dizer com que deito
A dúvida advinda mais alta
Pela subida de plana escada.

O que ascende encontro jeito
Nas calhas, visto pela ribalta,
De circular e voltar à passada?
Esse é o retorno ao vivo leito
Do qual eu me vejo pela falta
De fechar o conceito do Nada.

Com o Nada desdenho refeito
Dos sentidos ao que me salta
Os efeitos da existência dada?
Que a existência pode direito
Apenas o conceito de na falta
Gerar na construção do Nada.

Tranqueira, 27/11/14.

IX

Se mostrar como Onipresença
Quer ao homem pela ausência
Comprovar o fim da existência?
Quer mostrar afinal a sentença,
Comprovar pela sua inocência
Se se deteriorar da Consciência?

Se demonstrar como Onisciência
Quer o homem firmar a ciência,
Comprovar o fim da eloquência?
Quer demonstrar pela vivência

Comprovar admitida paciência
Se se provar o fim da existência?

Se mostrar de com Onipotência
Quer do homem pela demência
Comprovar calço na obediência?
Quer ausentar pela persistência
Comprovar advinda veemência
Se se restar o fim da Consciência?

Tranqueira, 27/11/14.

X
Hão os passos pela vida inteira
Caminhados com raios solares
Cirandados pela minha poeira?
Meu olhar desde cedo sem eira
Possibilitou que os tantos lares
Do mundo eu tivesse à soleira?

Hão os laços de minha bandeira
Alteados pelos hinos de altares
Silenciados a minha fé primeira?
Meu olhar por cedo faz peneira
Entre das ações dos meus pares
Existir Necessidade verdadeira?

Hão os aços a coluna brincadeira
Levantados aos conceitos e ares
Dispersados se ainda por coleira?
Meu olhar desde cedo à ladeira
Do infinito chegou aos jantares
Dos observadores pela cadeira?

Tranqueira, 01/12/14.

XI

Na minha mente eu sei de tudo
Cabe, mas não a tenho em nada
Estado tranquilo nesse instante.
Na vida em se vale ter o escudo
De que se conste está na escada
Vivo a subir e descer constante.

Por mudanças de estado agudo
Noutro oposto e igual, a estrada
Minha termina sendo saltitante.
Desfiguro-a noutra a que ajudo
Adquira do arlequim a passada
E de menos a essência delirante.

Está tranquilo é eterno, contudo
De se ocupar de graus da escada
Há um tempo profundo restante.
São desses momentos de escudo
Pela descontinuidade espalmada
Que do outro é algo interessante.

Tranqueira, 02/12/14.

XII

Há um céu que se me abre perto
Pelo Sol festeiro a minha cabeça
E me clareia a vida no momento.
Depois o Sol sai e eu já me alerta
Que vejo indo à outra parte Terça
Do planeta o leve temperamento.

A estrada do Sol pelo céu incerto
De incompleto se eu que esqueça
Transmuta pelo meu pensamento.
De ver o céu pouco tempo aberto,

A trajetória solar faz que eu meça
Temporalidade que mo alimento.

De observar essa ânsia eu decerto
Hei de ter por deslocar da cabeça
A visão que me está de caimento.
O ciclo vital e permanência, verto,
De sê-lo sem que eu reestabeleça
De me ser terreno o confinamento.

Tranqueira, 03/12/14.

XIII

O inverno me oprime. E a forma
Que alcanço não se me desdobra
Antes de haver findada a estação.
Quando o frio aperta transforma
Minha vida e toda a minha obra
Em alguma cera moldada à mão.

Não há eterna minha boa norma
Quando alço a circular manobra
Que sorve minha energia à ação.
Todo inverno me é uma reforma
Daquilo que me invadiu e sobra
E se põe de decompor meu chão.

O frio me paralisa e me deforma
E inativo que fico ele me recobra
Mais do pensamento da emoção.
Todo inverno me é uma reforma
Que alcanço não se me desdobra
Da fertilidade já da imaginação.

Tranqueira, 26/12/14.

XIV

Contenta-se com o mal já absurdo
Que me invade inconstantemente
E deita frio sobre meu esqueleto...
O pior, que fica assim de escudo
À consciência que absorve ciente
É me ver no pior a qualquer jeito.

Ser objeto inerte, quadrado, espaço
No corpo do mundo, o maior astro,
Que abriga tudo e os faz o alimento.
Retirar o cérebro e colocar o baço
No mais absoluto, vil, cruel, castro
Que vive o instante e não o é lento.

Último ato consciente seja imortal!
Ah! Descansar em nenhuma glória.
Permitir viver mais tempo melhor.
Eu não encontraria qualquer sinal
A consumir a energia, vez sóbria,
Vez sobre a égide do eterno pior...
Vez sobre a égide de cena bacanal...

Tranqueira, 02/01/14.

XV

Tudo que habita vive sem mim.
Minha constatação, fé íntima,
Não pede que a Verdade exista.
O que existe, o que está a vim
Vem e sempre ela ainda prima
Por nenhuma lei a mim egoísta.

Também não agonizo. Atento.
Não construo alguma Verdade
Para distribuir aos humanos.

A Verdade vale cem por cento
A violação de nós capacidade
De viver com bons enganos?

Sempre fica assim. (Percebia.)
O espaço que reservo a mim
Só é verdade se ainda olho...
Há tempos observo a galeria
A construir livremente o fim
Que eu abusadamente colho.

Tranqueira, 02/01/14.

XVI
Fraco. Sou fraco. Eu imensamente.
Fracos. Somos fracos. Sim, todos!
Qualquer instante não resistimos!
Ninguém resiste por está doente!
Quando estamos fartos e gordos,
Almejamos ser sempre os últimos!

A vida só resiste no fugaz prazer.
Como Felicidade, isso nos escapa
E nos deita no corpo dor e doença.
Nesse instante se contorce todo ser
Pois perde a luz , a sua frágil capa,
Que esquece o passado na violência.

Parte da dor e doença talvez venha
Do ato de pensar, que encontra um
Reflexo passado, e o vive em corte.
Qualquer novo instante é uma senha
Triste em recordar o que foi algum
Desejo morto, pois não teve sorte.

Tranqueira, 03/01/14.

XVII

Quando o silêncio me habita o corpo
Uma força grita profundamente feroz
E cala a todo desejo de eu querer ser.
Sem vontade, não desejo o anticorpo.
Nem ouço o que mais me grita a voz,
Que quer a qualquer custo, só dizer.

Morto. Desejos somem. Talvez se vão
Para ocupar outro corpo, onde a vida
Exista para perpetuar a continuidade...
Não sei se um início de alegria ou não
Adentra, ou dali emana, mas ma ferida,
Ainda parece continuar com vontade...

Sinto-me de menos energia. Sem da Dor
Que a alegria viva provoca em seguida.
Sou uma consciência sem as perguntas.
Tudo que possa ser o que de real se for
Não interfere no grau de estado de vida
Que tenho como desconectado de juntas.

Tranqueira, 04/01/14.

XVIII

Pode-se conceber Verdade imutável?
Está a se colocar nos nossos sentidos
E a invocar a razão em alguma teia?
Só a concebemos como se separável?
E ensinamos aos outros por ouvidos?
Sê-la eterna, e já prontamente cheia?

Na procura do real conceito e etéreo
(Do que me sirva, pelo bem me baste
A todo tempo do eu adormecimento.)
Se me nasce algo, por já o é funéreo.

Dói-me ao corpo o fim pelo descarte
Do rio a cada estado de pensamento.

A experiência ensina. Eu cá aprendi.
A Felicidade é terna interna em mim.
Tudo que a concebo é para não tê-la.
Foi só ao observar o futuro que eu vi
O horizonte iluminado e do seu já fim
Em abertura para mais duma janela.

Tranqueira, 05/06/14.

XIX

A ação é destruidora.
Eu busco a harmonia.
Como ata essas duas?
Se ao meio é a moira,
A tecer sem escapulia
A vida só com cruas?

Eu vejo já por agora:
O meio certo num dia
Ficará sem belas ruas.
Aonde que vai decora,
Com a força e vilania
E as deixa quase nuas.

A ação é consumidora.
Destrói fazendo da via
Com suas mãos nuas.
Se algo à fila da hora
Do final vindo do dia
Sobra não é das ruas.

Tranqueira, 14/06/14.

XX

Por colher os cacos espalhados
que de a mim talvez
eu só alarme
Sob trópicos que de levantados
assumem pela vez
de ocupar-me.

Sujeito-me a reacionários estados
que na embriaguez
são de charme.
Composto sei por atos terminados
com que se se fez
eu de ata-me.

Que fim que por está em saldos
termina-se freguês
de andar-me.
Caminha-se assim aos cuidados
de esmeros os reis
que os arme.

Tranqueira, 12/11/14.

XXI

Em textos estruturados
A abstrata e sã música
Bem quieta já me ousa
De me ser eterna musa
Donde reveste a túnica
Dos meus fieis estados.

Por isso todos os fados
Cabidos numa acústica
No dorso se mo apousa

A se confluir por intrusa
Só numa talvez e única
Parte de Eu separados.

Que sejam longos nados
De eu numa por música
Acabar a me restar blusa
De cio, sensação difusa,
Deplorável carne rústica
Dos afixos e inalterados.

Tranqueira, 07/02/15.

XXII

Sei que ficou de forma
Pela resposta o sujeito
De consciência e razão
Que contrário a Forma
Acaba a criar conceito
Duma escada de ação.

Por nela a se ascender,
Mas se vista a é cíclica,
Ou vez mesmo descer.
Valida se o permanecer
Duma abstração clínica
Pela forma a lhe nascer.

Assim é a vida, redução.
É o sujeito a que retorno
É porque na progressão
Sinto haver a cada ação
A fixidez dum transtorno
Que é dela a inexatidão.

Tranqueira, 14/02/15.

XXIII

De lida das coisas uma repetição
(e dos Estados) a análise termina
Pelo escárnio e o riso controlável.
Se revisto da vida tem sua reação
Que de bem a nós nos determina
Vejo toda de nuance inseparável.

Quando se finda o Ato e o Estado
É que doutro já se está levantado
À continuidade do inumano fado.
(Agora te ouço o infante chamado
De com razão não fico eu calado
Digo pela repetição olhar de lado).

E zombo e rio dessas duas forças
Sempre advindas da minha retina
Pela (In)Consciência mal instável.
O Estado é acumulado das gotas
Extraídas do ato de tecer a cortina
Dos anos iniciais para o infindável.

Tranqueira, 01/03/15.

(IN) CONSCIENTE

I

No inverno volto a ser criança.
Por isso duma carne apodrecendo.
Pelo verme descontínua comida.
(Nesse estado eu sou pequeno?)
Por isso insistentemente horrendo.
Basta do céu o sereno
Que eu vibro a balança
E meu olhar se lança
Ao início da partida.

Tranqueira, 04/01/15.

II

Todos os sentidos são bocas.
Bocas do abismo.
De fome como as são, loucas
Pelo inescapismo.
Mas, no mais lhe são poucas
Ao teocentrismo.
Mesmo deusas têm-nas ocas
Tábuas: sofismo.
Conferem ao conceito toucas
De feito aforismo.

A quem não feche, provocas,
Vida por nudismo.
Por meio, causam-nas trocas,
De egocentrismo.
Todos os sentidos são bocas.
Bocas dum cismo.
De fome como as são, loucas
A fim animalismo.

Tranqueira, 22/03/15.

III

BEM, se se aumenta. A vida é uma boca.

Do que se confirma se alimenta.
Abre-se completo como uma mão.
Sob ela a tudo se ausenta
O chão o pão e o pão o chão.

TUDO, se se contenta. A vida, continuação.

Do que se confirma se alimenta.
Abre-se completo como uma mão.
Sob ela a tudo se ausenta
O chão o pão e o pão o chão.

DELA, se se experimenta. A vida é uma boca.

Do que se confirma se alimenta.
Abre-se completo como uma mão.
Sob ela a tudo se ausenta
O chão o pão e o pão o chão.

Tranqueira, 04/05/15.

IV

De sintomas que a vida desperta
Dei de conter todos delirante
Querer-me a figura incerta
Como andarilho infante.

São inúmeros tons até morrer
Totalmente esgotado e em tarde.
Como deixar de ser
Seria de mais para o covarde.

Descanso que hei de por ao propósito
Da vida em emoções.
Feliz e em óbito
Das minhas situações.

O nada é minha fome inabalada.
Ver tudo por findado é continuidade.
A linear estrada
Não termina sem a minha dissoluta
[puberdade.

Tranqueira, 29/06/15.

V

Egoísmo a que se apodera,
O (In) Consciente aos atos,
E reina só em qualquer Era
De tantos Arcos e Arautos.

Com máscaras a cada fera
Quantos impossíveis tatos
Não nos bem já se esmera
A composição de incautos.

No fim dos atos reverbera

Entre seus visuais e hiatos
Que se dispõe pela espera
O Egoísmo descrito a auto.

Tranqueira, 20/07/15.

VI

Essa decência de si mesmo como é digna de
[amparo...
Essa consciência de si mesmo como é falha
[de disparo...
Essa essência de si mesmo como é cíclica
[de reparo...

Tranqueira, 09/02/16.

VII

Portas abertas, dores adormecidas...
Completam a roda da vida, cíclicas...
Permeiam pela continuidade, idas...
Para o fim, de se ser, sem vontade...
Teo, é o ato, o conceito entrelaçado,
Que mina a convertidos e julgados...
Assim de se competir à afirmação...
Alcançam as dores a seletiva física,
De um recomeço da Humanidade...
Pela semente viva do poder à ação...

Tranqueira, 17/03/16.

VIII

No cerne do meu abismo, no infinito
Das ígneas carnes, no inconsciente

Das minhas sinapses, nos neurônios
Do hùmus centrismo, nos hormônios
Das rotatórias dialises, no consciente
Das minhas fases, o repetido conflito.

Tranqueira, 17/03/16.

IX

Quieto, pedra. Pedra, impenetrável, sólido.
Inato, pedra. Cercado pelos cardeais.
Compondo um estado, um phatos:
Mil emoções se cercam do meu corpo
[imóvel.
Nem se ternam, nem se extinguem.
A consciência ... ais.

Tranqueira, 06/10/15.

X

Nasci para os invernos...
Viver sob os extremos...
Frear-me pela estrela solar refletida.
E ruir na ausência de seus comandos...
O astro-rei me espaça a vida...
Tudo é tão lúcido sobre suas cores
Sem sua condução o inconsciente mo
[lembra...
Os amores, as dores..
Os cursos d'água vibram o interno, quando?

Tranqueira, 06/10/15.

XI

A vontade é um colapso.

Tira-me a Liberdade.

Imponderado da Felicidade.

Pelos sentidos a vida se toma dia a dia...

E a existência termina pela Consciência e a

[agonia...

LAÇO...

Tranqueira, 06/10/15.

XII

Inutilmente é o Nirvana...

É a Eternidade impenetrada...

Se o estado se aplanar...

A vida, proposta despedaçada.

Tranqueira, 06/10/15.

XIII

Amor,

(C)ora,

Embora

Sem hora

Senhor.

Tranqueira, 10/10/15.

XIV

A vida? Gaiola...

São paralelas horizontais hereditárias

[curvas...

São paralelas verticais históricas turvas...

Vê?! A Consciência ainda mais viola...

O ser de enlouquecer...

Os pensamentos? Numa gaiola gângster...

Tranqueira, 22/08/16.

XV

Cansa e desencanta

Essa vida consciente.

Sinto uma repetição.

Não me norteia tanta

Sinapse inexperiente

De mim continuação.

Sou sensorial. Canso.

A continuidade disso

É um castigo externo.

Não é comigo manso,

Mas sim atroz o viço

Do meio que interno.

Hei de inexistir pleno.

Saciado e Consciente,

De eu não mais já ser.

A sensação ao terreno

Das sinapses, ausente

De nunca mais a ter.

Tranqueira, 25/04/15.

XVI

A (in)consciência centra
A massa que me rodeia.
O concreto real adentra
Pelas Sinapses em teia.

A (in)consciência norsteia
A existência que penetra.
O homem a faz por ceia
Em se deformar abstetra.

Acontece disso à quebra
De para Tudo pelo Nada,
A única humana vértebra.

Chegar-se a final escada
De desfecho da pálpebra
E a nossa norma álgebra.

Tranqueira, 25/03/15.

XVII

Nada no ser se cabe.
Nem sei se sinapses
Ligam-se ao ser terno
Que transita e não abre
Consciência as faces.
(Sinapses, eterno sobre
Das comuns pazes.)
A Felicidade é um estado externo.

Tranqueira, 18/12/14.

XVIII

Atos são contatos e conceitos.
O conceito pelo estado.
Pelos contatos,
Pelos atos,
Soterrado,
Em leitos,
Perfeitos,
Confeitos,
Ao Pathos.

Tranqueira, 21/10/14.

XIX

A Tristeza é uma equidade.
Normatiza a balança da vida.
Equilibra os hormônios corporais.
Possibilita que haja a permanência.
Nem retira nem repõe mais vida.
Diz tanto do ruim quanto a alegria.
É limpeza por tempestade.
Só à Consciência
Serve de agonia:
Sai do jejum
Incomum
Que abertamente
Experimenta por ela de si.

Tranqueira, 20/12/14.

XX

Hoje todo reconstruído de pelo ontem.
Hoje todo construído de pelo amanhã.
O Hoje só cabe doutro tempo-margem.
Não é mais do que a coberta para afã.

Só o cobre o Ontem bem clarividente.
E descobre o Amanhã de olhos cegos.
O Hoje é apenas a continuidade rente
Do que não pode sem cruciais pregos.

A vontade de um projeto é atemporal.
Está Hoje, que esteve Ontem rendida,
Para o Amanhã e o alcance dum final.

A construção e a consciência da vida
Recoloca do Hoje como via principal
Que é o Ontem e o Amanhã a medida.

Tranqueira, 03/01/15.

XXI

O frio verme no inverno faz dinâmico
Pela umidade decomposição da carne.
Eu sinto-me aberto o inverno o pânico
De eu ter composto vivo o corpo tarde.

A fragilidade vem à consciência etérea
Que minha coberta é a névoa dispersa.
Assim minha pele e meu ser é matéria
Ao alcance do estado que ao fim cessa.

Nada pode me desproteger desse transe.
O que me atinge vem de longe e muda
Ao planeta aberto sem que eu descanse.

O Sol nem raia na estação e nem ajuda
A que o imerso corpo frio não se lance
Entregue a boca do verme que é aguda.

Tranqueira, 04/01/15.

DISCURSOS NOTURNOS

I

A cíclica rotina
Se nos domina
De toda ensina
Existência fina
Que se há sina
De permanecer
Apenas do ser
Que de vacina
Rir ao se rever.

Tranqueira, 22/10/14.

II

A moral é uma peça musical...
Ouve-a pelo corpo, pela emoção ou pela
[razão?!
Tenho certeza que o corpo se balança...
Um sopro se arranca
Da vida humana.
CONCEITUAL...

Tranqueira, 04/04/16.

III

O amor?! Eterno?! Descontínuo?!
Não caberia em literatura...
Não caberia em criatura...
Não caberia in natura...
O tempo não o vence...
Desfaz a outra consistência sem mãos...
O fim é o começo da continuidade noutro...
Não o veriam os olhos sem grãos...
Acaba... Eis que o mitificam. Nu...

Tranqueira, 02/04/16.

IV

O amor corrompe com o cotidiano...
Pode na ausência da Consciência...
Fazer de haver sentinela...
Na carruagem frenética...
Dos dias da existência

Tranqueira, 24/03/16.

V

Uma expansão de egoísmo...
Do epicentro do abismo,
Uma consciência bonita...
A natureza infinita...
Dessa constituição humana,
Nunca que se aplanar...
Numa luta política bendita
Dos seres menos aflita...

Tranqueira, 24/03/16.

VI

É dos infantes,
O ato único e não dos deuses.
É dos infantes.
Sem receio ou medo
Que se termina realizado...
A Liberdade ficou num único corpo...
Jogo preciso de personalidade...
A Liberdade ficou num único corpo...
Vivo e cêntrico...
Da boca dos sentidos vêntrico...
Nem a continuidade no estado
Termina absoluta...
Nem a continuidade no estado.
Assim o ato na vontade
Vem da ir(racional) lealdade...

Tranqueira, 27/02/16.

VII

A parte desprendida do todo
No todo continua parte.
A parte como todo
Desprendida toda resta parte.
Nenhum ser termina inteiro
No início e no final.
A continuidade sem derradeiro
Abstrata o todo original.

Tranqueira, 23/02/16.

VIII

Vontade muito sortida às vezes é aparência!
Liberdade não mais alto agora é suficiente e
[equilíbrio...
Fé legalista assente grátis o cotidiano...

Tranqueira, 07/02/16.

IX

Custa a angústia que parasita
Não corroer o coração?!
O metal a que se atrita
Mais minúsculo perde na ação!
De inexistir termina a vida
Preso a outro ESTADO oxida...

Tranqueira, 28/01/16.

X

A Felicidade perdida entre milhares de
[transeuntes egocêntricos...
A Felicidade perdida entre o ócio das
[genéticas...
A Felicidade perdida entre atos livres e o
[carceramento do capital especulativo...
A Felicidade perdida entre o conceito e o
[nirvana da Eternidade...
A Felicidade perdida entre o espetáculo da
[Alegria e a alegoria do Triste...
A Felicidade perdida entre o ídolo
[levantado e a marginalização tiete...
A Felicidade perdida entre Sentidos e
[Vontades...
A Felicidade perdida entre otimistas e
[observadores...

A Felicidade perdida entre a dualidade

[aparência /essência e

[consciência /inconsciência...

Pare que a vida jaz cansada...

Tranqueira, 22/01/16.

XI

No frio do inverno

As carnes queimam... veneno.

Tranqueira, 18/01/16.

XII

Que pelotão lidera?!

Toma a vanguarda? Espera...

Tranqueira/ 22/04/16.

XIII

O Deus contemporâneo,

Das massas contempladas,

Ascende um deus menor,

No discurso culpado,

À multidão pedante

Pedinte

Penitente? Altar-mor...

Tranqueira, 14/01/16.

XIV

Sem os Sentidos
Na imortalidade
Sem o prazer...
A Vontade
Do amanhecer?!

Tranqueira, 14/01/16.

XV

Da cobertura térmica
Cobre na consciência
E da vã permanência
Desfigura a genética?

Tranqueira, 12/05/16.

XVI

No mínimo sou dois... dois tons...
Passeia pela porosidade do corpo
Ais prolongados ao rebanho em assopro
Sou da chuva, sou do sol...
Medíocre quantitativo mol.

Tranqueira, 10/01/16.

XVII

Há na mecânica da minha posição,
Um soprano das dores existenciais.
Vive e morre (inspira /expira) ação
Restaurando o corpo e consciência
No platô da descontinuidade...mais.

Pobre de quem se sirva da inflação
Das dores desumanas e atemporais
No sol da lira fica a decomposição

E a fugaz temperatura e ambiência
Da necessidade... que nunca se jaz.

Tranqueira, 10/01/16

XVIII

As letras dos professores não as tenho em contratos! Ano a
[ano de trabalho com outras disciplinas...

Interesse? Como?! Ou acesso a minha infância ou não me
[pergunta a Vontade!

Hei de ter a amizade também das estações de aluguel...

O amor plantado é uma conversa em torno de antecedência
e

[consciência...

Calabouços gráficos! Todos os períodos da vida logo
opostos

[a pouco do discurso...

Atesto que a palavra é carpintaria fina...

Palavras eu tenho em sina...

Belas telas amarelas

As palavras formam uma exposição de conceitos
entrelaçados...

Cordas, alvos laços,

Entre as notícias da Sociedade frenética...

Formas genéticas

Que a aparência em fenótipo velas...

Cada coisa não nos coubesse à contra-luta... Rentes à

[moralidade e o pergaminho...

O Bem e o Mal só nos habitam se os efeitos da

Imortalidade

[valem...

Não estão fora porque os são internos...

Aquém...

Ditas as leis
Quebradas nos atos...
Crianças são criaturas cuja paixões terminam em quebra
vértebra...

Tranqueira, 02/01/16

XIX
Da mais baixa estatura entre as colinas
No banho... Na chuva... Lavado da dor...
Imóvel e nu... Constantemente inato...
Entre a natureza... integrado.
Chuva e rio. Retinas.

Tranqueira, 18/12/15.

XX
Tenho visto atos
E sapatos...
Homens vivamente no caminho...
Não sei fazer dos seus atos sapos morais...
Passos e abraços
Na estrada da continuidade...
Todos os atos são bons se não terminam num holocausto...
duma raça
Num genocídio da energia que vive e que eu morro para
que a continue...
Isto é belo...
Avante a espécie...
Tenho certeza que evoluímos na carcaça
E a Consciência vive e se manobra
Como cobra da homogeneidade...
Como são precisos todos os atos mais...

Tranqueira, 01/01/16.

XXI

A pluralidade de eus que nos acordam
Decorrem de meios que nos manobram?!
Nem tudo a Consciência pode...
Aliás, eus reconhecidos, passeiam numa
[ciência de provocações...
Esfacelações da personalidade humana...
Multiconstruções à essência (e à aparência)
[com/sem a moral inibidora(?).

Tranqueira, 25/12/15.

XXII

O casamento do momento e meio...
Na natureza se ordena que não há empate...
Na Consciência o ato no meio-campo se desagrada do
momento-cheio ...
Apenas na Grande Natureza o engate...
Milagrosamente feio...

Tranqueira, 13/12/15.

XXIII

Tenho pacto com os Estados...
Impacto com a Alegria...
Ópio dos langores...
Não tem complemento em mim...
Vive e parasita amores...

Tranqueira, 30/11/15.

XXIV

Sim! É como um novo capítulo...

A cor da manhã é necessária...

Abre as portas e as janelas inclusive por

[quem já não exista na loja típica de
[interesses?

Aleluia ao Nirvana...

Ao interesse profano dos Sentidos...

Plenitude transpõe-se em morte e também

[desdém...

O estado de desinteresse, sem do eterno, é

[pouco provável que dure...

Os sentidos tem fome...

A manhã tem atração física...

Tranqueira, 28/11/15.

XXV

A vida precisa de sentidos... Da chegada

[dos fins...

É preciso partir...

A partida sem certeza de que por fim no

[final se queira chegar...

Tomar movimento...

A ação é ganho...

Malditos... Calcanhares...

A caminho do fim e do descanso...

Sem continuidade... Sem vontade... Sem

[temor... Sem urgência...

Tranqueira, 17/12/15.

XXVI

Nu. De nada verso as vestes...
O inverno é uma cobertura...
Eu tenho um manto de dor...
Dor e existir...e me dispor...
Energia de adoecer...E é essência...
Amanhã a mesma figura...
Entre pedestres...
Com voz e sem vez...
De que serve a vez?!
Sorrir?! Agonia de ser...

Tranqueira, 17/12/15.

XXVII

Em nós se expulsa
Uma personalidade confusa
Que se abusa
Dos nós (des) cobertos...
Em nós os nós dos nós nus...
Em nós plurais florais mais
(Re) abertos...
Em nós outros...
Eis que o bom e o mal nos moram...
Soltos...

Tranqueira, 19/12/15.

XXVIII

A unidade é o mistério...
O misto e o mister...
O ministério da carne: Miscigenação...
O ministério da fala: Fabulação...
O ministério da imagem: Encenação...
O plural do adultério...
Brasil de muito axé...

Ação, geração, nação...
Sem imagem de morte...
Da diversidade...
Forte e felicidade...

Tranqueira, 07/12/15.

XXIX

Um das formas de defesa é o riso...
Bem-vindo ao corpo a corpo...
Assim se supera a imobilidade das coisas...
Sou fulano-evento...
Talento realista ...
A genealogia...
Nem culpo a Deus das minorias...
Acredito na continuidade da seleção capitalista...
Como estou atento...
It's Ok.

Tranqueira, 29/11/15.

XXX

Nada é nosso!! Basta saber...
Nos desprendemos... em dores...
A vida se desintegra ao amanhecer...
Vontade e Consciência, flores...
Escancaradas às bocas de ter
Os seletivos sabores...
Esquecidos... Como vivemos... ativos
A fazer amores
De simplesmente ser...
Dos vivos...

Tranqueira, 06/12/15.

XXXI

O tempo é generoso...
Quanta vida nos dá...
Nele descansamos à plenitude...
Não tenho medo ao desdobramento...

[vaporoso...

Nele cansamos e ousamos...
Não tenho dor de acabar...
A minha existência gozo...
Pode outro estado da matéria... Mude.

Tranqueira, 07/12/15.

XXXII

O mal é um fenômeno...
Do ato inseparável...
Da existência inquebrável...
Da vida humana anônimo...
Na massa se disfarça...
De toda desgraça...
E homônimo...

Tranqueira, 04/12/15.

XXXIII

Um Estado Republicano é o Mundo...
Diverso e sem voz...
Rede grátis das vontades e seres...
Breve como o poder selecionado da carne...
Políticas Públicas da mesma linguagem...
Chão velho repisado da maldade...

Tranqueira, 04/12/15.

XXXIV

A interpretação que faço das coisas é
[egoisticamente minha apenas...
Não trago evangelho, nem charme...
Não tenho algemas...
Tenho sede de expressar-me...
Um fluxo natural da consciência...
A verdade é só uma vontade
Sem nenhuma urgência
Ou assustador alarme...

Tranqueira, 04/12/15.

XXXV

Eu celebro a vida porque ela existe
E os conceitos morrem...
Eu quebro o intelecto porque assiste
A natureza dos que sofrem...
Sempre estive a existência...
E eu a dou passagem que seja...
Contínua e livre da casca da Consciência...
Maquinalmente nos beija...

Tranqueira, 04/12/15.

XXXVI

A arte
E a morte da vida
E a vida da morte...
... Parte...
A arte
E a mudança da vida
E a chegada da morte...
... Parte...

A arte
E a crise da vida
E a taxa da morte...
... Parte...

Tranqueira, 03/12/15.

XXXVII

Moldado pelo campo...
A caminho da forma...
Vai o homem do mato...
À cooperação da vida...
Cíclico para o bom da continuidade...
Todo cíclico é eterno...
Coberto pelo ar do tempo...
Da imortalidade...
Tudo se transforma...
Permanente no ato...

Tranqueira, 03/12/15.

XXXVIII

Celebre que a vida é...
Que a consciência existe...
Que os pensamentos negativos tristes
Dão a continuidade... Até.
Ateus suspensos sentidos...
Ateus conceitos lidos...

Tranqueira, 02/12/15.

XXXIX

Há quem acredite em alma...

E isso eu aceito...

Mas pessoalmente rejeito...

O que completa o meu ser e toma forma

[nele rarefeita é a Vontade...

Tenho condescendência do que seja a

[Consciência nesse embate...

É a contra-luta da Imortalidade...

E quanto a isso não há empate

Do que fala e do que se acalma...

Sinto-me um brinquedo...

Tranqueira, 02/12/15.

XL

Quem dá sentido a tudo que ouve é

[hipocondríaco...

Será que o tempo nos faz?!

Hei de ter dito algo ligado a Eternidade...

Sonhei sem nenhum irmão...

Bravo!

A Consciência e a Vontade

Perdem um unguento ao ventrículo...

Tranqueira, 01/12/15.

XLI

A eleição do ídolo não é democrata...

Nem sempre ele se levanta...

Perde os atos... ganha a Imortalidade...

Os homens não! Ganham a ação e perdem o

[eterno...

Os atos eleitos são contrariados... É preciso ser mortal...

O divino é dos astros convencidos no tempo-movimento
dos ativos...
Fica de massa...

Tranqueira, 01/12/15.

XLII

O relógio da vida acorda os operários...
É preciso trabalhar sem consciência...
[colorário

Tranqueira, 30/11/15.

XLIII

Legislação a si é uma privacidade cêntrica...
Autoconhecimento e confirmação...
Na democracia manca todos elegem sua
[face...
É melhor o discurso que a discussão?

Tranqueira, 30/11/15.

XLIV

Proclama na família democrática oligarca...
A verdade abertura dos atos involuntários...
De que a vida é metafísica e ontológica...
Marginalmente garante a sobrevivência de
[si no demagogismo dos
[valores...
Na consciência de rebanho...
De rebanhos garante a seleção dos fortes...
Determinados...

Tranqueira, 29/11/15.

XLV

Duas infâncias...

Nuas distâncias...

Duas juventudes...

Nuas atitudes...

Duas fases adultas...

Nuas faces vultas...

Duas velhices...

Nuas credences...

A priori e a posteri disso?

Tranqueira, 29/11/15.

XLVI

Tudo que tem zíper é um fetiche...

Pode ser experimentado...

Diz minha avó que o apreciador

Esconde o bem-querer do dado...

No mercado tem valor...

Vixe...

Tranqueira, 29/11/15.

XLVII

Queres universalidade?!

Usa a linguagem factual: Metáfora.

Dela partem todos os sentidos...

Interpretações e oratória...

Queres ter notoriedade?

Lê a língua dos sistemas fundamentais...

Tranqueira, 29/11/15.

XLVIII

Na tua liberdade colhe dogma ou música?!

Uma disputa livre de sentidos obedientes...

1 ou 5?! A matemática da força é pelo

[maior valor?!

Numericamente a continuidade dessa

[disputa na eternidade valida

[algum som?

Ouve bailarino o gás da honestidade que

[mais te fascina...

Algo se empedra...

Tranqueira, 29/11/15.

XLIX

A Deusa deve ter ressentimento...

Esqueceu-me quando a esqueci...

Ficamos equilibrados...

O Deus deve ter constrangimento...

Lembra-me quando o desperto...

Ficamos acordados...

Somos uma família sem eternidade...

Não tenho fertilidade...

Dois genitores parentais...

Tranqueira, 29/11/15.

L

São os sentidos profissionais...

Batem ponto no mercado como

[educadores...

Fazem da escolaridade horrores...

Da existência viva sinais...

Usam suas notas capitais...

Gemem na carne dores...

Na consciência produzem rancores...
De quem são essenciais...

A massa humana consciente faz
Determinante de que são atores...
Construída pela escrita de senhores
Letrados dados às agonias verbais...

Êxtases da endorfina terminais.
São mais dos cantores
Da inescapável continuidade de professores
Espetáculos com o tempo bacanais...

Tranqueira, 27/11/15.

LI

Eu quero ter a sorte do amor
[correspondido...
Eu quero vivê-lo dividido...
Entre os gozos estabelecidos...
Onde cada amante saiba ser vencido
Pela presença dos sentidos...
Duas bocas em gritos...

Tranqueira, 23/11/16.

LII

De dores...
Cada Vontade é uma dor latente...
De sucumbir o corpo pela mente...
De dissabores...

Tranqueira, 25/11/16.

LIII

Meu feitio é de carne... De carne e dor...

Não! Eu não tenho a excelência de ser de

[matéria bruta...

Sinto-me todo o arcabouço da dor

[residente...

Como eu bem queria fugir desse corpo que

[só sente...

Desse interno e denso maldisor...

Dessa manobra que me disputa...

Tranqueira, 22/11/16.

LIV

O tédio nos apadrinha!

Toma-nos como filhos!

Conhece de si, conhece do mundo!

Nada escapa ao ócio dos desocupados!

Não temas a loucura!

Perder a corrente dos andarilhos

[dissolutos...

Cair em si de contemplação!

Vê que face se (de) forma!

Espanta-te teu firmamento?

Guarda ainda conceitos? Receio.

Tranqueira, 09/11/16.

LV

Plataforma depois da vida?!

Operacionais à minha rotina física nesses

[termos homéricos?

Seria frente ao espelho tirando minhas

[esperadas fotos?

Não me venha usar da sua retina!

O fim é o prazer de se ver!

Abaixo a Consciência!
Avante a continuidade!
É preciso todos os efeitos do ensino
[pessoal!
Descanso dessa longa vida, experimentada
[e distante do eterno!
Nada sonha, basta ver o imaginário, a
[permanência!

Tranqueira, 31/10/16.

LVI
Basta! que a Vontade é á loucura!
Consciência em nojo é esse feito...
Quanto analiso a humana gordura,
Termino nervos por fatal conceito...

Mostra-se-me a falha da criatura...
Hão os sentidos em ato perfeito
Como bocas que à bizarra figura
Demonstra o seu poder satisfeito.

Geométrica é essa obsoleta leitura
Do esqueleto essencial por aceito
Que a modelagem circular empurra.

Basta! que a criança saía ao peito
E se ver toda da imobilidade cura
Do centrismo, o supremo direito.

Tranqueira, 31/10/16.

LVII

Rostos, cartões-chave no ritmo das horas de

[respostas...

Costas, paredes-pente pelos caminhos das

[sementes...

Tranqueira, 27/09/16.

LVIII

O amor plantado é uma corda genital...

Através de continuidade...

O amor platônico é o final

Da nossa imortalidade...

Há de ser preservação da natureza...

Tranqueira, 04/12/15.

LIX

O desejo e a navalha nos corpos!

Folga amanhã lambidelas, festa velha,

[sortida guerra...

Beira antena para interpretações tinturinas!

Estreia completos os desjejuns...

Querido ou pura incompetência da gestão

[neural?!

Bichos-festival grátis no cotidiano mais...

Todos os gastos e locais-respostas...

Um ciclo-tédio de coerência...

O amor mantemo-nos flora das

[criaturas-vencimento...

Vulgatas obras lindas... Mesmo governo de

[xadrez...

Tranqueira, 14/07/16.

LX

Só a minoria vive (e sofre) conceitos...
Dessa carruagem são eleitas imagens...
Imagine o mundo sem professores...
O outro conglomerado nem psicoses...
Os atos são esperados e as doses...
É desse último aglomerado a continuidade da vida e das
batidas...
Das batalhas e das vitórias vencidas...
Das cíclicas carruagens
De todos os efeitos
E de maioria autores...

Tranqueira, 29/11/15.

LXI

A Felicidade não está vendida à Vontade...
É um reconhecido status quo democrático...
Fora não a sentir ainda o está firmado...
Vive em anúncios, mas melhor valor para o mercado é
aproveitar
[o volume dos endividados aos Sentidos...
A Felicidade vive e é indissolúvelmente um preparado
íntimo: amargo, doce, azedo...

Tranqueira, 29/11/15.

LXII

Desânimo, titânio da constituição dos
[suplentes...
A vida é dos comboios de gente...
Sem ideia e firmamento...
Partículas sólidas da carne
Preparadas ao preenchimento das dores...
Dum líquido hormonal que chega em toda
[parte...

Firma o estado e petrifica a face...
O corpo finalmente calabouço...

Tranqueira, 28/11/15.

LXIII

Nasceu um conteúdo?
É seu ou da Humanidade?!
Guarde-o com soberba e egoísmo...
Ninguém merece beber do teu.
A cabeça é um espaço de efeitos...
Coube-a três dos Sentidos....
Em si, denso, envenena?!
Conversa ao templo de leões...
Dele tudo parte e toma dor...
Conceitos terminam em atos homicidas...
Tome vida pela sua...
Deixe a pele nua...

Tranqueira, 28/11/15.

LXIV

Carnudo o ventre tutorial
Da Liberdade, o mais crível léxico...
Rente ao templo do terreno da mítica...
Não existe topografia...
Hiatos de Consciência são paranoias...
Não tome desse elixir sonífero...
A vida é divina e unilateral, mas sem
[instabilidade...
Nada tema, oxalá...

Tranqueira, 28/11/15.

LXV

Eu também sei perder o hábito...

De tanto rir fiquei on-line...

Tomara que me tenha irresponsáveis

[governos atento a rede Wi-fi...

É melhor mesmo segundo a transferência da

[aula pôr foto a honestidade...

O texto é de nova geração e gastos...

Pior que a realidade é a história última da

[democracia...

Tranqueira, 27/11/15.

LXVI

Na cumeeira da consciência

Hei de ter o grito mais animalesco...

Tema, trema, consistência...

Fonte que não seja diária e agência

... do homicídio... fresco.

Tão inocente demais para cada essência...

Risos e rios frenéticos das vontades...

[aparência...

E gostos... Dantesco.

Tranqueira, 27/11/15.

LXVII

Pensamentos ferem a

[Eternidade...Manobras?

Vários meses para cada sujeito...

Regimentos livres e seres vendidos...

Aprisionados ao normal do Conceito...

Consenso afluyente do time da consciência...

Tranqueira, 27/11/15.

LXVIII

Uma boca aberta
Que esvazia por número percentual...
Torna o ser matéria frenética
De uma simetria eterna do mal.

Deuterostomia...
O alimento é a inicial.
Há cooperação do exterior
Nos orifícios da massa corporal.

Nada se provoca inconsistente...
Eis a Vontade Existencial...
A Consciência é Nihilista
Na configuração global...

Tranqueira, 26/11/15.

LXIX

Feriado geral dos Sentidos...
Todos os períodos que não ficasse
[semelhante à preguiça...
Faz pelo menos uma gota deste bom
[veneno...
Hoje eu vou depositar mais do meu quarto
[de existência...
Doutor vácuo zera por número do meu ser...
Preciso realizar não a vida, mas ao
[personagem do que não me ponha
[coisa entre você e os amores...
Marítimo nas relações com as duas velhas
[membranas da carne viva: pele
[e bêbado...
Sim... Vê que eu não entendo nada das
[obras paradas da carne viva...
Gente feliz dos professores...

Acha naturalmente caça do meu ser
[novamente convocado na
[roda dos Sentidos e horrores...
Todos os alunos das obras paradas da festa
[têm condições do tempo que queira
[tentar a transferência da deformação da
[consciência...

Tranqueira, 26/11/15.

LXX

A Democracia e a Olimpíada da
[Oligarquia...
Eu queria ser tio da Sua Senhoria...
Que não nasceu nas novenas da família... Bastarda...
Mas não sei se meus irmãos deixaram
[patrimônio genético... noutra
[autarquia...
A logomarca do clã
Só sobrevive na hierarquia
De hoje e amanhã...

Tranqueira, 28/11/15.

LXXI

Além do que soube ser feliz...
Eu também sei perder do tempo...
Boa força de boatos vai amar esse maldito
[cheiro...
Houve *software* depois das obras
[femininas...
Hoje nem isso ora tanta frente chega...
Alcança sem voz ou esquece a Eternidade...
É melhor o respeito que a criatura...
Não vem definitivamente vezes confirmar a
[minha coleção de triângulos...

Retrato mais especial no site do
[firmamento...
Conceito grátis demais para o mundo da
[carne...
Viva poderes e seres...

Tranqueira, 27/11/15.

LXXII

A vida proposta impenetrada.
Ah! você é mesmo muito independente.
Você acredita que a procura não é divino.
Não quero companhia pra sair apenas
[desligar o tema de uma manhã
[estressante.

Você ganhou uma história para um
[romance.

Tranqueira, 26/11/15.

LXXIII

Ah! A vontade é uma corda!
Enforca! Acorda tua vida!
Acorda teus sentidos numa trajetória!
É a notocorda do suicida!
Eh! A vontade é uma corda!
Amarra! Limita tua escolha.
Limita ao alcance do fim exato!

Tranqueira, 26/11/15.

LXXIV

Não alugou nenhum estabelecimento para

[encontrar alguém...

Você afirmou querer menos do Determinismo...

Quero companhia pra sair apenas ativar o

[sucesso na roda...

Sim! Vou tentar prolongar os períodos que não

[nos falamos!

Vou dormir que não nos coubesse cobrar

[dados...

Impossível! Não me ponha alguma coisa entre

[você e sua presença!

Vou talvez só pela noite? Não comprou nenhum

[presente!

Vou tentar conseguir novamente convocado em

[breve à caça do meu tipo paisagens

[de semana abrindo os períodos que

[não me interessava à preguiça de

[ter dito algo diferente...

Quero você nos grandes resultados dos

[

sentidos...

Mas fora do meu abraço...

Fertilização vedada mesmo segundo grau

[gozo...

Tranqueira, 26/11/15.

ÍNDICE

MITOS versus RITOS	07
I. Parti de mim todo Sentimento Humano	07
II. Vinte e três subtraídos a onze	08
III. Tantas mãos a vela	08
IV. Falta na família	09
V. Mãe o que se encontram	10
VI. Sobre as gramas	10
VII. Três meios de uma carne fria	11
VIII. Retiraram-me a fome	12
IX. Tão fraco	12
X. Do alto	13
XI. Não sei como concebi o triste	13
XII. O que vale? E o valerá? Se me vale	14
XIII. Descansa cansaço cansado eterno	14
XIV. Abre-se no seu vigor o inverno todo ano	15
XV. Durmo à Cidade de Pedra	16
XVI. Olho dum horizonte. Sou de estátua	16
XVII. Estou farto. Não me poderia	17
XVIII. Mais da ação pela análise	18
XIX. Como nunca (não poderia) cheguei	18
XX. Há de haver algum descanso	19
RESISTIR	21
I. De ser, não ser	21
II. De carne ao frio	21
III. Ter é estado fora	22
IV. A noite é da dor	23

V. Como o frio me empresta	24
VI. Há algo de que me assalta	24
VII. Quer o pensamento formar	25
VIII. Formar-me de um conceito.	26
IX. Se mostrar como Onipresença	26
X. Hão os passos pela vida inteira	27
XI. Na minha mente eu sei de tudo	28
XII. Há um céu que se me abre perto.	28
XIII. O inverno me oprime. E a forma	29
XIV. Contenta-se com o mal já absurdo	30
XV. Tudo que habita vive sem mim.	30
XVI. Fraco. Sou fraco. Eu imensamente	31
XVII. Quando o silêncio me habita o corpo.	32
XVIII. Pode-se conceber Verdade imutável	32
XIX. A ação é destruidora	33
XX. Por colher os cacos espalhados	34
XXI. Em textos estruturados.	34
XXII. Sei que ficou de forma	35
XXIII. De lida das coisas uma repetição	36

(IN) CONSCIENTE 37

I. No inverno volto a ser criança	37
II. Todos os sentidos são bocas	37
III. BEM, se se aumenta.	38
IV. De sintomas que a vida desperta	39
V. Egoísmo a que se apodera	39
VI. Essa decência de si mesmo como é digna de amparo	40
VII. Portas abertas, dores adormecidas	40
VIII. No cerne do meu abismo, no infinito	40
IX. Quietos, pedra	41
X. Nasci para os invernos	41
XI. A vontade é um colapso.	42
XII. Inutilmente é o Nirvana	42
XIII. Amor	42
XIV. A vida? Gaiola	43
XV. Cansa e desencanta	43
XVI. A (in) consciência centra	44
XVII. Nada no ser se cabe	44
XVIII. Atos são contatos e conceitos	45
XIX. A Tristeza é uma equidade	45
XX. Hoje todo reconstruído de pelo ontem	46
XXI. O frio verme no inverno faz dinâmico	46

DISCURSOS NOTURNOS.....	48
I. A cíclica rotina.....	48
II. A moral é uma peça musical.....	48
III. O amor?! Eterno?! Descontínuo.....	49
IV. O amor corrompe com o cotidiano.....	49
V. Uma expansão de egoísmo.....	49
VI. É dos infantes.....	50
VII. A parte desprendida do todo.....	50
VIII. Vontade muito sortida às vezes é aparência.....	51
IX. Custa a angústia que parasita.....	51
X. A Felicidade perdida entre milhares de transeuntes egocêntricos.....	51
XI. No frio do inverno.....	52
XII. Que pelotão lidera.....	52
XIII. O Deus contemporâneo.....	52
XIV. Sem os Sentidos.....	53
XV. Da cobertura térmica.....	53
XVI. No mínimo sou dois... dois tons.....	53
XVII. Há na mecânica da minha exposição.....	53
XVIII. As letras dos professores.....	54
XIX. Da mais baixa estatura entre as colinas.....	55
XX. Tenho visto atos.....	55
XXI. A pluralidade de eus.....	56
XXII. O casamento do momento e meio.....	56
XXIII. Tenho pacto com os Estados.....	56
XXIV. Sim! É como um novo capítulo.....	57
XXV. A vida precisa de sentidos... Da chegada dos fins.....	57
XXVI. Nu.....	58
XXVII. Em nós se expulsa.....	58
XXVIII. A unidade é o mistério.....	58
XXIX. Umas das formas de defesa é o riso.....	59
XXX. Nada é nosso!! Basta saber.....	59
XXXI. O tempo é generoso.....	60
XXXII. O mal é um fenômeno.....	60
XXXIII. Um Estado Republicano é o Mundo.....	60
XXXIV. A interpretação que faço das coisas é egoisticamente minha apenas.....	61
XXXV. Eu celebro a vida porque ela existe.....	61
XXXVI. A arte.....	61
XXXVII. Moldado pelo campo.....	62
XXXVIII. Celebre que a vida é.....	62
XXXIX. Há quem acredite em alma.....	63
XL. Quem dá sentido a tudo que ouve é hipocondríaco.....	63

XL I. A eleição do ídolo não é democrata	63
XLII. O relógio da vida acorda os operários	64
XLIII. Legislação a si é uma privacidade cêntrica	64
XLIV. Proclama na família democrática oligarca	64
XLV. Duas infâncias.	65
XLVI. Tudo que tem zíper é um fetiche	65
XLVII. Queres universalidade.	65
XLVIII. Na tua liberdade colhe dogma ou música	66
XLIX. A Deusa deve ter ressentimento	66
L. São os sentidos profissionais	66
LI. Eu quero ter a sorte do amor correspondido	67
LII. De dores	67
LIII. Meu feito é de carne... De carne e dor	68
LIV. O tédio nos apadrinha.	68
LV. Plataforma depois da vida	68
LVI. Basta! que a Vontade é à loucura	69
LVII. Rostos, cartões-chave no ritmo das horas de respostas	70
LVIII. O amor plantado é uma corda genital	70
LIX. O desejo e a navalha nos corpos	70
LX. Só a minoria vive (e sofre) conceitos.	71
LXI. A Felicidade não está vendida à Vontade.	71
LXII. Desânimo, titânio da constituição dos suplentes	71
LXIII. Nasceu um conteúdo	72
LXIV. Carnudo o ventre tutorial.	72
LXV. Eu também sei perder o hábito	73
LXVI. Na cumeeira da consciência.	73
LXVII. Pensamentos ferem a Eternidade	73
LXVIII. Uma boca aberta	74
LXIX. Feriado geral dos Sentidos	74
LXX. A Democracia e a Olimpíada da Oligarquia.	75
LXXI. Além do que soube ser feliz	75
LXXII. A vida proposta impenetrada	76
LXXIII. Ah! A vontade é uma corda.	76
LXXIV. Não alugou nenhum estabelecimento para encontrar alguém.	77



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação